

PAU D'ARCO: TRONCOS, RAMAS E FLORES

Anna Kelmany da Silva Araújo¹

O ensaio visual apresentado à Revista Mundaú trata-se de um desdobramento da pesquisa etnográfica que realizei na comunidade quilombola Pau d'Arco durante os anos de 2017 e 2018 enquanto aluna do mestrado em Antropologia Social da UFAL.

Outrossim, na pesquisa intitulada EM PAU D'ARCO, MUITAS FLORES: MEMÓRIA, TERRITÓRIO DE PARENTESCO E FRONTEIRA ÉTNICA, apresento referências às leituras simbólicas do quilombo em torno dos sentidos de família, a família como sendo uma grande árvore composta por troncos velhos (os mais velhos que já morreram), troncos (os mais velhos que estão vivos e sustentam as ramas) e ramas (filhos e netos que descendem dos troncos velhos e troncos), formando assim um Pau d'Arco que se perpetua no tempo, uma família extensa do sangue e do sofrimento, categorias estas que remetem a uma história de discriminação racial e exclusão social vivenciadas por esse grupo étnico, bem como a uma memória genealógica que data do final do século XIX com a chegada da família de Manoel Tomás e Josefa da Silva, uma família de negros libertos que funda Pau d'Arco no tempo e no espaço e que, dentro de um contexto de territorialização, permite redesenhar as redes de parentesco e solidariedade estabelecidas entre negros e caboclos (categoria nativa que faz referência a ascendência indígena em Pau d'Arco) que vão desde Penedo até municípios do sertão alagoano, fazendo assim emergir um semiárido negro, algo que estabelece um contraponto com a história "oficial" branca e patriarcal da formação desse território. Assim, neste ensaio, de onde emergem códigos de visualidades expressos na relação entre fotografia documental e memória, apresento os troncos, as ramas e a delicadeza desse Pau d'Arco onde sempre é primavera.

Igualmente, apesar de não ter construído uma etnografia visual, vejo na produção de imagens a possibilidade de também levar esse conhecimento sobre Pau d'Arco e, conseqüentemente, sobre esse semiárido negro que emerge com muita intensidade a partir da riqueza de narrativas desse quilombo, inclusive visuais. Uma emergência que pretende experimentar o limite documental e poético das imagens, dessa imagem compartilhada e produzida numa relação construída em mais de 40 dias de trabalho de campo.

Nesse sentido, pensando a estética como um método pelo qual observamos as coisas e produzimos um sentido, através da fotografia, exercito a dimensão de um olhar que busca o outro por meio de um processo criativo no contexto vivo da experiência de campo, uma experiência que percorre fragmentos da dimensão desse Pau d'Arco que floresce no agreste alagoano desde 1885, revelando aspectos de sua organização social, de sua diferença e de sua identidade sempre em construção, uma fotografia da rizomática teia que envolve essa comunidade negra com mais intensidade a partir do seu processo de reconhecimento enquanto quilombola em 2007.

Assim, este ensaio está alicerçado na pesquisa de campo que funda o saber do antropólogo e nos desperta para os destinos historicamente silenciados e marginalizados no contexto da construção do Brasil enquanto nação, um trabalho visual que se pretende político na luta contra o racismo e a desigualdade histórica que assola as quilombagens alagoanas.

¹ Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Alagoas, especialista em Educação em Direitos Humanos e Diversidade pela UFAL e mestra em Antropologia Social/UFAL. E-mail: aninhakelmany@hotmail.com















REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Anna Kelmany da Silva. **Em Pau d'Arco, muitas flores: memória, território de parentesco e fronteira étnica**. Dissertação. Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

Recebido em 08 de março de 2020.
Aprovado em 29 de abril de 2020.
Revista Mundaú, 2020, n. 8, p. 173-180